

# Edyr Augusto

---

Por Pierre-Michel Pranville\*

Edyr Augusto, Paulo Lins, Arthur Dapieve e Edney Silvestre são os quatro autores de romances policiais negros presentes no Salão do Livro de Paris, edição 2015. Todos renunciaram à forma clássica do romance policial de enigma para traçarem um retrato sombrio das sociedades onde vivem.

O romance policial brasileiro nem sempre foi assim tão negro. O romance de enigma foi sua primeira manifestação, com a importação e a imitação de Conan Doyle. Contudo, desde os anos 60, o policial brasileiro confronta-se com um dilema: a ditadura degradou a imagem do policial, que não pode mais ser um herói crível, ao mesmo tempo em que a sociedade tornou-se mais violenta e fez com que a imagem do detetive privado americano parecesse insípida – Luiz Alfredo Garcia-Rosa resistiu com o inspetor Espinosa. Restam duas orientações a serem seguidas: o romance negro e o romance paródico. A literatura negra terá duas vertentes. A primeira, o romance-reportagem, da qual se aproxima Paulo Lins, com a sua visão da vida no

---

\* Doutorando em literatura portuguesa no Centre de recherches sur les pays lusophones da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, dedica-se à pesquisa: “La tentation du genre policier dans la littérature portugaise contemporaine (1974-2014).” Entrevistou Edyr Augusto em março de 2015.

interior duma favela. Outra, centrada no crime e no criminoso, iniciada por Rubem Fonseca, e a qual pertencem Edney Silvestre, Arthur Dapieve e sobretudo Edyr Augusto.

Cabe a Edyr Augusto a tarefa de representar aqui os quatro autores do *polar* do Salão do Livro de Paris porque os seus romances reúnem aspectos do romance negro comuns a cada um dos outros romancistas: a crítica social, a representação crua da violência, a impotência dos íntegros e a perspectiva do criminoso.

**Pierre-Michel Pranville – Quem é realmente Edyr Augusto? Por detrás desta questão biográfica, há uma interrogação: O que o levou à escrita, e precisamente à escrita de romances policiais? Foi a sua profissão, a sua implicação social – penso no teatro –, em suma, o que o orientou para uma literatura policial?**

Edyr Augusto – Sou um escritor. Não podia fugir da carreira. Meu avô, meus pais, tios, todos foram escritores. E também jornalistas, radialistas, publicitários e dramaturgos, principalmente meu avô. Aos 16 anos, escrevi minha primeira peça teatral. Já escrevia para rádio e jornal. Aos 26, o primeiro livro de poesias. E também crônicas e teatro. Aos 43, veio o primeiro romance. Leitor compulsivo, sempre gostei de romances policiais. O primeiro livro, *Belém*, na França, surgiu de uma pergunta de um irmão, que trabalha em rádio pública, e gostaria de reapresentar as novelas de rádio, que na primeira metade do século passado, fizeram sucesso. Pensei nos ruídos eletrônicos, que começavam a fazer parte do nosso cotidiano. Um crime e uma secretária eletrônica, com seus recados suspeitos. A radionovela, não foi à frente, mas eu tinha o primeiro capítulo do livro. Ali, comeci a anunciar um estilo que, no trabalho seguinte, *Moscow*, se apresentou. Uma mistura da linguagem desenvolvida nos textos para rádio, televisão, publicidade e os diálogos teatrais. A ideia da radionovela, com um crime no primeiro capítulo, orientou-me para o romance policial, gênero que adoro. Mas, mesmo assim, ainda hoje me pergunto se realmente minha obra pertence a essa categoria. Penso que escrevo sobre pessoas comuns, atingidas por fatos graves que as fazem deixar a zona de conforto, seus escrúpulos e reagir. A rapidez dos diálogos vem do teatro, onde o autor procura

a intensidade das cenas com avidez. Nos livros seguintes, aperfeiçoei ainda mais.

**Como situar este último livro em relação aos dois anteriores? *Belém* conta a investigação de um policial que falha: não há futuro para a verdade em Belém? Em *Moscow*, é um jovem delinquente que narra os roubos, as violações, os assassinatos: no future? *Casa de Caba*, é uma história de vingança que, desta vez, terá um desfecho, mas qual será o preço a pagar para que a integridade triunfe? Existe uma continuidade de temas e de estruturas nos seus três romances? Pode-se dizer que o último representa uma mudança de orientação?**

Como disse anteriormente, são as pessoas comuns, atingidas por fatos graves, precisando sair de seu cotidiano para reagir, enfrentando uma realidade terrível, que se verifica, atualmente, em meu estado, onde até o contingente da lei parece compor uma outra ameaça. E os raros policiais virtuosos, enfrentam forte resistência. Polícia, governo, instituições estão apodrecidos. Há falta de cultura, educação e ética. Há falta de empregos. Belém tem uma posição geográfica que favorece o transporte de drogas para grandes mercados, além do tráfico humano. E essas pessoas comuns estão em meio a toda essa confusão. Penso que minha orientação é a mesma, utilizando como cenário situações atuais, que estão nos cadernos policiais diários, com personagens desesperados, no limite da resistência. Os jornais locais brigam politicamente e a verdade virou uma peça de ficção. Encontrei recentemente em uma palestra uma pessoa que trabalha em instituição contra o tráfico humano: ela confirmou tudo o que há em meu livro mais recente, *Pssica*.

**Qual é a relação dos seus romances com o mundo real? Costuma-se dizer que o romance policial *noir* é uma janela aberta para as comunidades em crise. Assume essa definição? As realidades que descreve são muito negras. Estas correspondem à realidade ou há uma parte importante de ficção? Há um profundo engagement no que descreve?**

Meus romances são recortes da realidade. Em uma sociedade conturbada, com uma minoria gozando de privilégios e uma maioria esfo-meada, sem cultura, educação e ética, principalmente sem emprego, as

emoções estão sempre à flor da pele. Talvez o jornalista que mora em mim também esteja gritando, em todos os livros, contra essa situação. Utilizo cenários reais e personagens comuns, gente do dia a dia, tentando reagir aos golpes do destino. Há mais de trinta mortos por final de semana em Belém e arredores. Quer realidade mais negra que essa?

**Considera-se um autor comprometido, *engagé* politicamente?**

Como a grande maioria no Brasil, não tenho ideologia definida. Talvez, como dizia Caetano Veloso, “quero luxo para todos” Meramente por escrever em várias mídias, acredito fazer política cultural. Há em meu país uma brutal desilusão com a política e os políticos. No mundo, os termos direita e esquerda já foram ultrapassados. O que desejamos? Viver bem, em paz, com renda proveniente do nosso trabalho e poder criar nossos filhos. O resto é blá-blá-blá. Mas quando meus livros denunciam fatos muitas vezes ignorados pelas autoridades, pode haver um engajamento, embora reafirmo fazer política cultural.

**Identifica-se com alguns autores brasileiros ou estrangeiros? Pensa em algum que o tenha particularmente influenciado em relação aos temas abordados e à forma como o faz?**

Sou leitor compulsivo. Gosto de James Ellroy, Bret Easton Ellis, os beats, gosto de Philippe Djian e muitos outros. Todos eles me influenciaram muito, como Rubem Fonseca, Marcelino Freire, Ronaldo Bressane, Marçal Aquino, Luiz Rufatto e Marcelo Mirisola, estes últimos, da nova geração de escritores brasileiros. Estamos todos muito próximos em estilos.

**Que tipo de relação mantém com o público e que meios de comunicação emprega? Assinaturas de livros nas livrarias, palestras, mídia? Tem um público específico? É importante manter-se em contacto com os leitores, de que forma interage e dialoga e qual é o *feedback* com o público?**

Paraense, afastado dos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, a partir do êxito obtido na França, comecei a ser descoberto com *Pssica*, meu novo livro, que também será lançado no mercado francófono, nos próximos meses. E assim, tenho viajado por todo o Brasil, falando para as mais diversas plateias, dando entrevistas

a um sem-número de jornais e revistas. O retorno tem sido excelente. Professores adotarão o livro em cursos de Letras em universidades. Outros compram mais de um livro para presentear e dar a conhecer a minha literatura a amigos. Estou muito feliz, porque o livro tem sido considerado um dos melhores do ano e, com isso, há uma grande procura pelos trabalhos anteriores, bem como a negociação de direitos para outras mídias, como cinema e televisão.

**Esteve presente no Salão do Livro de Paris e nos Quais du Polar, o primeiro festival do romance policial no mundo, porque está traduzido em francês. Os seus livros estão traduzidos noutras línguas? O que representam para si o facto de estar traduzido? Poderia falar-nos da sua relação e das trocas com o público francês? Este é diferente?**

Ser editado na França representou uma reviravolta na minha vida, como escritor. Tenho estado aí em diversos festivais e conversado com o público. Foi uma honra ter estado no *Quais du Polar*, onde também fiz grandes amizades. Tenho livros traduzidos na Inglaterra, no Peru e no México. Mas nada se assemelha ao retorno dado pelos franceses. Foi exatamente o sucesso obtido aqui, onde logo terei mais um livro traduzido, que chamou a atenção da crítica do maior mercado literário brasileiro, que agora me reconhece e vai atrás dos livros anteriores. Os franceses são cultos e curiosos. Creio que muito do sucesso devo ao meu tradutor, Diniz Galhos, que conseguiu manter o mesmo ritmo, concisão e agilidade do meu texto. Ofereço aos franceses muito mais do que o Brasil típico de Salvador, Rio de Janeiro, carnaval e futebol. Mostro um novo cenário, com histórias que, com mais ou menos agressividade, podem ocorrer em qualquer lugar do mundo. Assim, em termos de Brasil e França, as reações são parecidas. Se aos franceses ofereço um novo cenário, aos brasileiros, ofereço este mesmo cenário, que normalmente não percebem, por estarem muito autocentrados.

**Qual é para você o impacto da literatura policial no Brasil? Descreditada? Ignorada? Apreciada? E por quê?**

Houve, de maneira geral, de uns 15 anos para cá, um renascimento da literatura brasileira, com muitos novos autores nos mais diversos

estilos. A influência de Rubem Fonseca é bem grande. A literatura policial tem se aproveitado, sobretudo, do sucesso das séries policiais apresentadas nas emissoras de TV. Embora ainda haja muito maior consumo de livros escritos por americanos, os brasileiros começam a ser vistos com frequência entre os livros mais vendidos. O importante é como se contam as histórias. As mídias sociais e os canais de televisão quase superam as séries de ficção em cenas de violência, ou como disse o escritor Marcelo Mirisola: “ficcionalistas, tenham cuidado! A realidade é uma concorrente!”

**O reconhecimento da literatura brasileira é notório e a prova foi a importância do Salão do Livro de Paris. O que representa para si atualmente a literatura brasileira e como participa enquanto escritor neste resplandecer literário no Brasil e no estrangeiro?**

Tenho muita honra em participar desse resplandecer literário que ocorre no Brasil. Mesmo aqui, tenho viajado muito e falado em várias cidades, com culturas diferentes, mostrando o meu trabalho. A literatura brasileira ganha a cada dia mais importância e novos autores. Mais ainda, no estrangeiro. Quando olhamos para trás, dentro da literatura brasileira, lembramos, felizmente, dos melhores livros. Assim, quando comparamos com a atualidade, tendemos a achar que no passado tudo era maravilhoso. Mas creio que com esse renascimento da literatura brasileira, com escritores e livros circulando por todo o país, por todo o mundo, como o Luiz Rufatto, que encontrei em Cayenne, já partindo para a Macedônia. Com as mídias sociais, forçando inclusive a escrita de todos e a proliferação de feiras, tenho certeza que hoje se lê mais e melhor no Brasil, ainda que precisemos de muitos livros para alcançar o ideal.